

GALERIA VERA CORTÊS

Gabriela Albergaria "... an adventure in which humans are only one kind of participant..."



22 Março - 4 Maio 2019

22 March - 4 May 2019

As obras que Gabriela Albergaria apresenta nesta exposição partem da instabilidade cromática, alquímica e estrutural da natureza enquanto potência para questionar o modo como os seres vivos humanos e não humanos alteram a natureza, assim como a natureza os (e nos) altera, enquanto entidades que vivem em partilha empática na fuga a um apocalipse anunciado.

Os limites entre a paisagem e a natureza são porosos na maior parte da produção artística, mas não na obra de Gabriela Albergaria: nela tudo é natureza. É naquilo que a paisagem tem de invenção que reside, como tão bem notou Anne Cauquelin, a sua vontade de criar “um objecto cultural sedimentado, tendo a sua função própria, a de garantir permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço”. A natureza, por seu lado, esquivava-se a esta objectificação e aquilo que garante não é óbvio nem estável. Aliás, são as instabilidades congénitas (e desconhecidas) da natureza e do natural que têm transformado estes campos numa das saliências mais prolíficas do pensamento artístico.

Numa ficção visual e plástica, que se situa tanto ao nível da crença pessoal como da investigação científica, a artista leva o espectador a repensar as metanarrativas e as macro-estruturas que regem o status quo contemporâneo em todos os seus eixos fundamentais: social, económico, cultural, técnico, tecnológico, etc.. Contudo, mais do que de uma antecipação da falência planetária, insinua-se aqui um imaginário artístico composto por forças regeneradoras, ancoradas numa ecologia subjectiva cujo desiderato é tanto estético quanto ético. No centro deste imaginário está a Terra regenerada na e pela terra.

O título da exposição - “...an adventure in which humans are only one kind of participant...” – é uma passagem que a artista toma de empréstimo ao livro *The Mushroom at the End of the World* de Anna Lowenhaupt Tsing, que explora as capacidades que os cogumelos e outros fungos têm de revitalizar terrenos, possibilitando-lhes uma pós-vida na era do pós-humano. Essa tese, que está longe de ser ficcional, pode constituir-se enquanto caso daquilo que são o optimismo e a diversidade de vozes do antropoceno: enquanto aviso, alarme, consciência, urgência, acção e moderação.

A exposição de Gabriela Albergaria revela uma ecologia (também do visual) em metamorfose constante, uma suspensão do tempo que corresponde à possibilidade futura, um ocupar do espaço que o amplia em alternativas reais. Parece haver uma premediação fictícia que nos faz ter vontade de sermos cada vez menos humanos, num momento em que a humanidade é cada vez mais tecno-normativa. Mas afinal a ficção é só aquilo em que não estamos preparados para acreditar.

The work Gabriela Albergaria presents in this exhibition springs from the chromatic, al-chemical and structural instability of nature as a force to question how human and non-human living beings modify nature — much like it changes them (and us) — as entities who live in a condition of emphatical sharing while trying to avoid a forecasted apocalypse.

In most artistic productions, the limits between landscape and nature are porous. However, in Gabriela Albergaria's oeuvre everything is nature. It is precisely in the space where landscape becomes inventive that one finds her will to create, in the words of Anne Cauquelin, "a sedimented cultural object with its own function, which is to continually provide us with the reference frames for our perception of time and space." Nature, for its part, avoids this objectification; what it presents us is neither obvious nor stable. In fact, we owe it to nature's congenial (and unknown) instabilities that these fields have grown into one of the most prolific outcrops of artistic thought.

In this visual and plastic fiction, which can be identified both as a personal belief and scientific research, the artist invites the spectator to rethink the metanarratives and the macrostructures that govern the contemporary status quo in all its fundamental axes: social, economic, cultural, technical, technological, etc. However, rather than an anticipation of planetary collapse, the artist insinuates an artistic universe populated by regenerative forces, based on a subjective ecology whose desideratum is both aesthetic and ethical. At the centre of this universe, we find the Earth regenerated by soil.

The title of the show — "... an adventure in which humans are only one kind of participant..." — is a fragment from Anna Lowenhaupt Tsing's book *The Mushroom at the End of the World*, an exploration of the capacity of mushrooms and other fungi to revitalize the soil, giving it new life in a post human future. Far from fictional, this thesis is a good example of the diversity and optimism of the voices of the Anthropocene: as a warning, an alarm, awareness, action and moderation.

This exhibition by Gabriela Albergaria reveals an ecology (which also pertains to the visual) in constant metamorphosis, a suspension of time that corresponds to a future possibility, an occupation of space that expands it into real alternatives. It confronts us with a fictitious pre-mediation that makes us want to be progressively less human, in a moment in which humanity is increasingly techno-normative. After all, fiction is just what we are not prepared to believe.



Gabriela Albergaria



Landscape in Repair #1, 2019

Lápis de cor sobre papel (John Purcel Bookwhite 315 gsm) / Colour pencil on paper (John Purcel Bookwhite 315 gsm)

303 x 206 cm

Única / Unique

Gabriela Albergaria



1/10 de terra cultivável necessária para preencher o espaço da galeria, 2019

Terra fértil de cultivo correspondente a um décimo da superfície da galeria (3m³, Galeria Vera Cortês),
calcário em pó, brita de calcário / Farming soil corresponding to one tenth of the surface of the gallery
(3m³, Galeria Vera Cortês), limestone powder, limestone

200 x 400 x 25 cm

Única / Unique

Gabriela Albergaria





Gabriela Albergaria



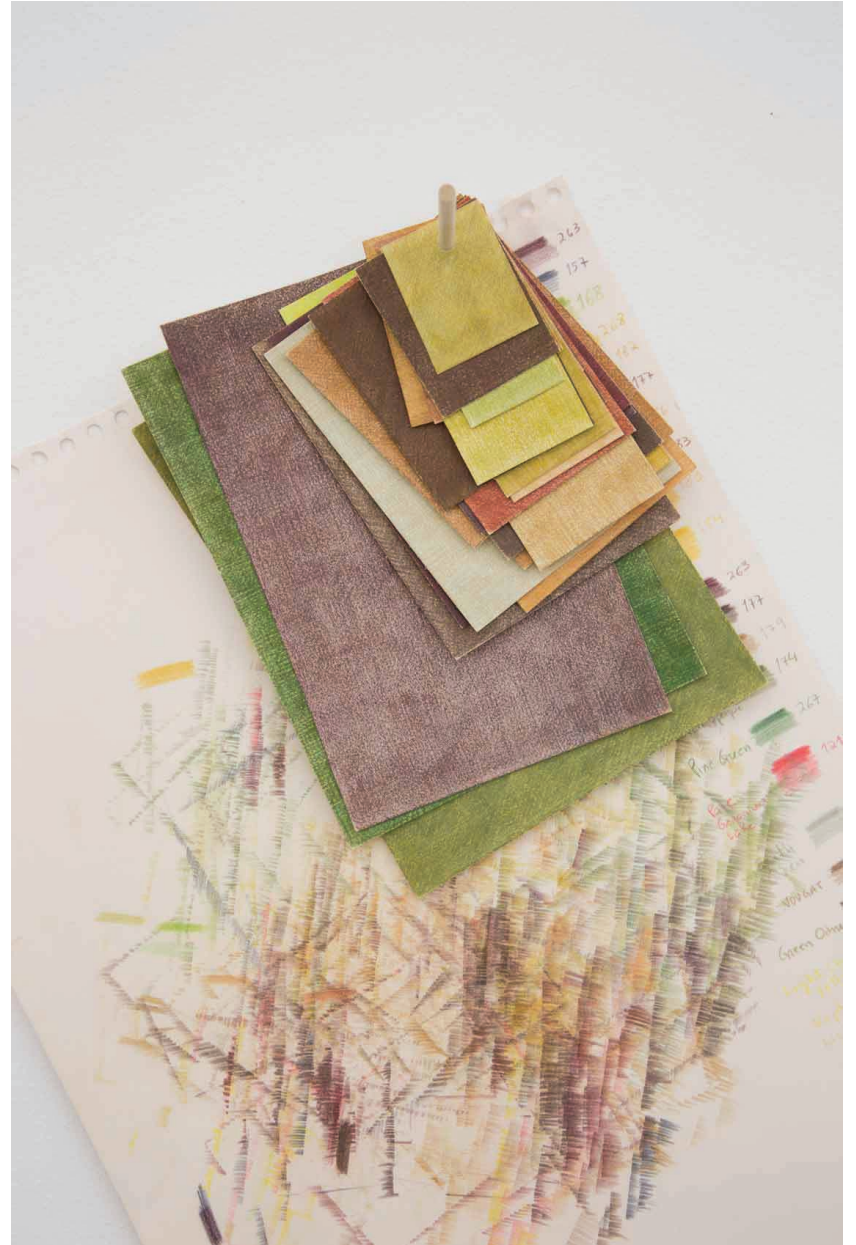
As quatro estações, 2014

Lápis de cor sobre papel (Stonehenge), pino de madeira / Colour pencil on paper (Stonehenge),
wooden pin

46 x 35,5 cm cada / each

Única / Unique

Gabriela Albergaria





Gabriela Albergaria



Root, 2015/2019
Bronze patinado de castanho / Bronze with brown patinated finish
198 x 45 cm
Ed. 3 + PA / AP

Gabriela Albergaria





Gabriela Albergaria



Fungi do not have stomachs!, 2019

Bronze / Bronze

12 x 33 x 6 cm

Ed. 3 + PA / AP

Gabriela Albergaria



Gabriela Albergaria



Peça para parede, 2016/2019

Ancinho de metal adquirido em Portugal, raiz de árvore encontrada em Upstate New York, pisa-papéis de vidro da Marinha Grande / Metal rake from Portugal, tree root found in Upstate New York, glass paperweight from Marinha Grande (Portugal)

13 x 23 x 12 cm

Única / Unique



Gabriela Albergaria mora e trabalha em Londres. O seu trabalho envolve um território: a natureza. Uma natureza manipulada, plantada, transportada, estabelecida em hierarquia, catalogada, estudada, sentida e renomeada através da exploração contínua de jardins em fotografia, desenho e escultura. A artista percebe os jardins como construções elaboradas, sistemas de representação e mecanismos descritivos que sintetizam um conjunto de crenças fictícias que são usadas para representar o mundo natural. Os jardins são também ambientes dedicados aos processos de lazer e estudo, culturais e sociais que produzem uma compreensão histórica do que é o conhecimento e o prazer.

Mais geralmente, as imagens de jardins e espécies de plantas empregadas pela artista são usadas como dispositivos para revelar processos de mudança cultural através dos quais se produzem visões da natureza. Mediados por sistemas de representação, eles criam diferentes versões do que percebemos como uma paisagem - um sistema complexo de estruturas materiais e hierarquias visuais, construções culturais que definem o enquadramento do nosso campo visual.

Completo o curso de Pintura na Faculdade de Belas Artes do Porto. Participou em residências artísticas tais como RU (Nova Iorque, 2015-2016); Flora ars + natura (Bogotá, 2015); Künstlerhaus Bethanien (Berlim, 2000/2001); Cité Internationale des Arts (Paris, 2004); Villa Arson, Centre National d'Art Contemporain (Nice, 2008); The University of Oxford Botanic Garden, em colaboração com The Ruskin School of Drawing and Fine Art (Oxford, 2009/2010) e Winter Workspace, Wave Hill Public Garden and Cultural Center (Nova Iorque, 2012).

Uma seleção de exposições individuais inclui Inanimate Object, or a complete cycle of the soil, Sheffield Park and Garden, National Trust, (United Kingdom, 2018), Pinch Pinch Pinch, Projecto Intervenções, Museu Lasar Segall (São Paulo, 2018), Endless infinity, Museu Nacional Grão Vasco (Viseu, 2017), pinch pinch pinch, PORTA 14 Calçada do Correio Velho (Lisboa, 2017), Ah, Finalmente, Natureza, Fórum Eugénio de Almeida (Évora, 2015); Terra / Território, Consulado Geral de Portugal em São Paulo (2015); Two Trees in Balance, Socrates Sculpture Park (Nova Iorque, 2015); Escalas de tempo, Vera Cortês Art Agency (Lisboa, 2014); O Balanço da Árvore Exagera a Tempestade, Galeria Vermelho (São Paulo, 2014); Não há coisa como a natureza, Hacienda La Trinidad Parque Cultural (Caracas, 2013); Invertir a posição, Galeria Wu (Lima, 2012); Térmico, Pavilhão Branco do Museu da Cidade (Lisboa, 2010); ABRACADÁRVORE, Museu de Arte Moderna da Bahía (São Salvador da Bahía, 2008).

O seu trabalho está presente em várias coleções, tais como Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Instituto Figueiredo Ferraz, Brasil; Museu Nacional dos Açores, Portugal; Coleção Luís Augusto Teixeira de Freitas, Portugal; Museu de Arte Moderna da Bahía, Brasil; KfW bankengruppe, Germany; BESart – Banco Espírito Santo, Portugal; Centro de Arte Moderna (CAM) - Calouste Gulbenkian Foundation, Portugal.

Gabriela Albergaria lives and works in London. Albergaria's work involves one territory: Nature. A nature manipulated, planted, transported, set in hierarchy, catalogued, studied, felt and recalled through the ongoing exploration of gardens in photography, drawing and sculpture. The artist views gardens as elaborated constructs, representational systems and descriptive mechanisms that epitomize a set of fictional beliefs that are employed to represent the natural world. Gardens are also environments dedicated to leisure and study, cultural and social processes that produce a historical understanding of what is knowledge and what is pleasure.

More generally, the images of gardens and plant species employed by the artist are used as devices to reveal processes of cultural change through which visions of nature are produced. Mediated by representation systems they generate different versions of what we see as landscape—itself a complex system of material structures and visual hierarchies, cultural constructs that define the framing of our visual field.

Having completed a degree in Painting from the Faculty of Fine Arts in Porto, she held numerous residencies, such as RU (New York, 2015-2016); Flora ars + natura (Bogotá, 2015); Künstlerhaus Bethanien (Berlin, 2000/2001); Cité Internationale des Arts (Paris, 2004); Villa Arson, Centre National d'Art Contemporain (Nice, 2008); The University of Oxford Botanic Garden, in collaboration with The Ruskin School of Drawing and Fine Art (Oxford, 2009/2010) and Winter Workspace, Wave Hill Public Garden and Cultural Center (New York, 2012).

A selection of her solo shows includes: Inanimate Object, or a complete cycle of the soil, Sheffield Park and Garden, National Trust, (United Kingdom, 2018), Pinch Pinch Pinch, Projecto Intervenções, Museu Lasar Segall (São Paulo, 2018), Endless infinity, Museu Nacional Grão Vasco (Viseu, 2017), pinch pinch pinch, PORTA 14 Calçada do Correio Velho (Lisboa, 2017), Ah, Finalmente, Natureza, Fórum Eugénio de Almeida (Évora, 2015); Terra/ Território, Consulado Geral de Portugal em São Paulo (2015); Two Trees in Balance, Socrates Sculpture Park (New York, 2015); Time scales, Vera Cortês Art Agency (Lisbon, 2014); O Balanço da Árvore Exagera a Tempestade, Galeria Vermelho (São Paulo, 2014); No hay tal cosa como la naturaleza, Hacienda La Trinidad Parque Cultural (Caracas, 2013); Invertir la posición, Galeria Wu (Lima, 2012); Térmico, Pavilhão Branco do Museu da Cidade (Lisbon, 2010); ABRACADÁRVORE, Museu de Arte Moderna da Bahía (São Salvador da Bahía, 2008).

Her work is represented in various collections such as Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Instituto Figueiredo Ferraz, Brazil; Museu Nacional dos Açores, Portugal; Coleção Luís Augusto Teixeira de Freitas, Portugal; Museu de Arte Moderna da Bahía, Brazil; KFW bankengruppe, Germany; BESart – Banco Espírito Santo, Portugal; Centro de Arte Moderna (CAM) - Calouste Gulbenkian Foundation, Portugal.

